




Travesia polo desde Marina Río, Manaus (Brasil)

© UDC

## Memorial ontolóxico *Ontological memorial*

Michèle Sato (✉)  Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT (Brasil)

### Resumo

*Em 2018, a Professora Michèle Sato realizou um estágio de pós-doutoramento na Universidade da Corunha. O objetivo era realizar pesquisas sobre o mar e as mulheres do mar na Galiza, para concorrer como professora titular do Departamento de Educação e Organização Escolar da Universidade Federal de Mato Grosso. Esta é a memória final que ele nos entregou e com a qual conquistou o seu lugar na academia. É um artigo inédito e ela nos deu permissão para publicá-lo. Desde então estávamos endividados. Hoje, em memória e gratidão por tudo o que nos deu, publicamos nesta revista.*

### Astract

*In 2018, Professor Michèle Sato carried out a post-doctoral internship at the University of A Coruña. The objective was to carry out research on the sea and women of the sea in Galicia to compete as a full professor in the Department of Education and School Organization at the Federal University of Mato Grosso. This is the final report he delivered to us and with which he earned his place in academy. It is an unpublished article and he gave us permission to publish it. Since then we were in debt. Today, in memory and gratitude for everything you gave us, we publish in this magazine.*

### Palavras-Chave

*Educación ambiental. Literatura. Guimarães Rosa. Pantanal. Colapso climático.*

### Keywords

*Environmental education. Literature. Guimarães Rosa. Pantanal Wetland. Climate collapse.*

*Ser em memória  
no fluxo pretérito  
e o espelho revela*

*a incompletude  
e o horizonte  
sendo*

*~ Michèle Sato  
(memorial)*

## Água e nascentes (Apresentação)

---

Para escrever meu memorial, debrucei na leitura de vários memoriais de muitas outras pessoas que, como eu, se aventuraram no mundo acadêmico. Achei difícil escrever um memorial que não fosse piegas, e que na brevidade a ser revelada, conseguisse expressar histórias mais significativas. Não conseguindo anunciar tudo, espero construir uma breve construção inventiva de meu próprio pretérito. A minha intenção é escrever um memorial conciso, que consiga traduzir um pouco da sistematização da vida acadêmica que o Lattes de certa forma anuncia, porém com mais valores qualitativos. É um jeito de apresentar uma biografia ecológica, regida de muita gratidão pelo que me tornei hoje, e que espero conseguir construir num horizonte em fluxos, ainda em plena construção ontológica.

Desejo reinventar a minha condição existencial como se fosse possível



Figura 1. *Thue human condition*. René Magritte.

construir novos sobrevoos por meio da aprendizagem pretérita. Soaria como a tela do MAGRITTE<sup>1</sup> que abre este Memorial, pintada em 1933 (figura 1) e que anos mais tarde foi ressignificada, pois para o belga surrealista, era necessário pintar e repintar. A criação e a recriação são movimentos importantes à cadência de interpretação dos fenômenos, ainda que certos objetos sejam bastante recorrentes, como cachimbos, chapéus, maçãs, pedras ou pássaros. Viver e reviver, assim, não é meramente recorrer aos fenômenos pretéritos em narrativas gloriosas, senão um ato de reaprendizagem.

---

1 LEVY, Silvano. *Decoding Magritte*. Bristol: Sansom Co., 2015.



Figura 2. Léntree en scene. René Magritte.

Tenho identidade construída nas obras de Magritte, pois como eu, ele era um leitor de filosofia e não gostava das metanarrativas da lógica racionalista, buscando fugir da normalidade, ou da obviedade, brindando a capacidade inventiva de levantar um castelo sobre o mar contra a gravidade; fazer uma sereia do contrário, com cabeça de peixe e pernas humanas; ou fascinar o mundo com a sua obra mais emblemática em pintar um cachimbo e discordar da imagem no texto provocativo: “*Isto não é um cachimbo*”<sup>2</sup>.

De maneira deliberada, “com-verso” comigo mesma, buscando em alguns

2 SATO, Michèle. Isto não é um texto. Revista Iberoamericana de Educación, v. 2006, 40, p.91-98, 2006 [http://rieoei.org/rie40a03.pdf].



Figura 3. La trahison des images. René Magritte.

textos publicados, a revisitação ontológica de mim mesma. Como se o pretérito fosse um espelho existencial de fluxos, vazamentos e porosidades, que ainda ecoa no presente e também à minha constituição vindoura. Assim, algumas produções científicas recheiam os rodapés, ao visitar textos e reviver os contextos, e ter ideias para novas publicações.

O movimento de viver, e tornar a viver, escrevendo um Memorial, também é uma condição fenomenológica de aprendizagens, já que trará a lembrança mergulhada em absurdos e coerências. Nesta ontologia pessoal, recupero em HUNDERTWASSER<sup>3</sup> o direito a janela e o dever da árvore: o direito de me debruçar na janela, recuada em meus próprios pensamentos, no momento de solidão desejada para reflexão e no mergulho para dentro. Contudo, a vida que chama

3 HUNDERTWASSER, Friedensreich. Complete graphic work 1951-1976. Vienna: Prestel, 1976.

à cidadania torna necessária a saída do solipsismo existencial<sup>4</sup>, para exercer o dever de plantar uma árvore, ser coletivo, implicar a práxis à construção de um mundo mais justo para a ampla maioria.

O austríaco HUNDERTWASSER era um renomado arquiteto, e também poeta, artista e ecologista que concebia suas construções com janelas diferenciadas para cada ser que habitava a casa. Em sua opinião, todos nós temos o direito de ter uma “janela existencial”<sup>5</sup>, que de maneira bastante singular, consiga fazer emergir os nexos entre a externalidade e a subjetividade.

Assim, escrevo este memorial da minha janela, debruçada na solidão que povoa meus pensamentos, na tentativa de escrever algo que seja significativo e que revele aquilo que um currículo quantitativo não consegue expressar. É também um momento de agradecimentos a todas as pessoas que foram responsáveis pela minha formação, sejam elas acadêmicas, das comunidades pesquisadas, ou das vivências pessoais. Contudo, não é uma

4 Princípio filosófico que reduz a realidade do sujeito pensante, para focar no próprio eu, num pragmatismo egoísta da existência. HEIDEGGER, Martin. *Being and Time*, translation by E. Robinson & J. MacQuarrie. New York: Harper & Row, 1962.

5 SATO, Michèle. Ecofenomenologia: uma janela ao mundo. SATO, M. & PEREIRA, V. (Eds.) *Revista eletrônica do mestrado em educação ambiental, edição especial*, p. 10-27, 2016.



Figura 4. *Eyes of the night*, 1972.  
Friedensreich Hundertwasser

narrativa fixa, pois a cada revisitação, a paisagem transmuda e o futuro ainda está em plena construção. É uma narrativa gerúndio: sendo.

Inspirada no fenomenólogo Gaston Bachelard<sup>6</sup>, inventei uma metodologia de pesquisa intitulada “*cartografia do imaginário*”. Na realidade foi uma tentativa para ajudar os estudantes iniciais a trilharem seus caminhos investigativos. Contudo, para minha grata surpresa, o texto foi aceito para publicação<sup>7</sup>, e

6 BACHELARD, Gaston. *Le droit de rêver*. Paris: Presses Universitaires de France, 1988.

7 SATO, Michèle. *Cartografia do imaginário no mundo da pesquisa*. ABÍLIO, Francisco (Org.) *Educação ambiental para o semiárido*. João Pessoa: EdUFPB, 539-569, 2011.

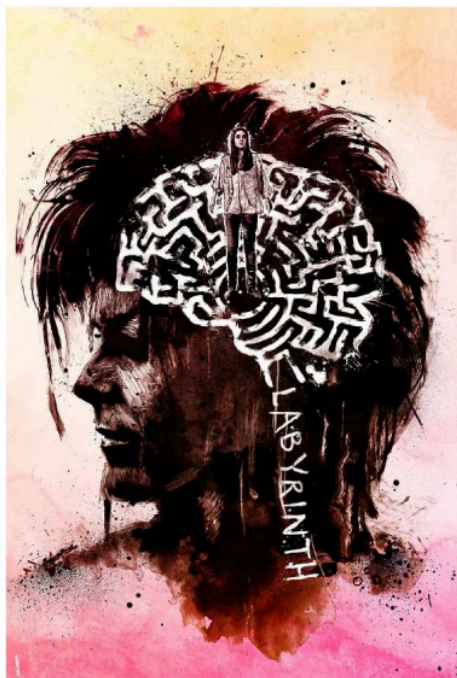


Figura 5. David Bowie. Eric Ann

logo se tornou uma referência por vários pesquisadores, inclusive aos estágios de pós-doutorado. Oriento, nesta metodologia, a inspiração investigativa por meio dos quatro elementos: água, terra, fogo e ar. Aproprio-me da inspiração fenomenológica e assim traço meu memorial.

Início esta primeira seção do memorial pelo elemento **ÁGUA**, que simboliza a nascente, a origem ou a gênese do processo aprendiz<sup>8</sup>. Símbolo do ciclo da vida e da morte, representa a transitoriedade de

8 SATO, Michèle. Surrealismo na po-ética ambiental. Revista Brasileira de Educação Ambiental, v.4, 227-237, 2009.

nossas vivências. O conhecimento, se equiparado à água, não é somente aquele que se revela nas superfícies das águas, mas nas profundezas de suas ondas, substâncias e imaginação. É um prólogo ao diálogo posterior, que se subdivide em termos da minha formação, dos processos da construção de saberes por meio da investigação e uma mirada caleidoscópica nas travessias pretéritas que cintilam coloridos ao horizonte futuro.

Por certo, as nossas aprendizagens não são construídas em linhas retas, mas fazem curvas ou sinuosidades que representam as dificuldades, as perdas ou são enigmas em territórios ainda desconhecidos. Para estes passos dados em territórios da formação, a seção **TERRA** expressa as diferentes fases de minhas aprendizagens. Possivelmente há também os labirintos, dando voltas sem ter noção de saída. Acredito que os erros sejam importantes, se tomados como lições de aprendizagens. Perdemos, por vezes, e as saídas labirínticas se fecham aprisionando nossos sentidos.

Mas na metáfora da mitologia grega, um labirinto é o local onde damos o melhor de nós para buscarmos a passagem da liberdade. Talvez seja uma aprendizagem de bravura, como Teseu que adentra o labirinto para enfrentar o Minotauro, mas dependente de uma pessoa: um livro com assinatura ou alguma fonte como Ariadne para revelar que não se constrói

conhecimentos de maneira isolada, mas em comunhão como a trilogia Merleau-Pontyana do EU- OUTRO-MUNDO<sup>9</sup>. Nesta seção destaco algumas personagens que foram essenciais ao processo de aprendizagens, que não representam somente a constituição do que sou hoje, mas desta transitoriedade de saberes, vivências e sobrevoos. Obviamente não preciso dizer que não conseguirei citar todas as pessoas que surgiram na minha travessia, e o quanto sou grata a todas elas, contudo, apenas reforcei alguns nomes que foram bastante marcantes nos processos de minha formação.

A aprendizagem é uma arena de grandes desafios, de horas de leitura e releitura, que muitas vezes não está escrito em nenhum lugar, mas que vivemos a aventura de errar e prosseguir, construindo os sentidos da caminhada. Por vezes perdemo-nos em ruas sem saídas, valas fundas ou pedras que obstruem as passagens. E nem sempre a saída se revela com exatidão, mas é a terra que nos move com os fluxos e nos ajuda a esculpir o barro amolecendo os passos nas diferentes situações que enfrentamos na travessia da vida.

Na terceira seção, que denomino de **FOGO**, busco valorizar a produção acadêmica por meio das pesquisas realizadas. Ainda

---

9 MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

que o currículo Lattes evidencie minha produtividade, acredito ser importante adicionar algumas substâncias que possam gerar a conflagração da iluminação e revelar detalhes que nem sempre a quantidade expressa. É o momento da queima das aprendizagens consagradas à transformação e geração de novos saberes na combustão investigativa.

De certo modo, nossas publicações são transformadoras, já que são chamadas que alimentam outros estudos, ou são alquimias de nossas vivências, e que não segregam prática, teoria e ética. São nossas criações científicas, na queima de

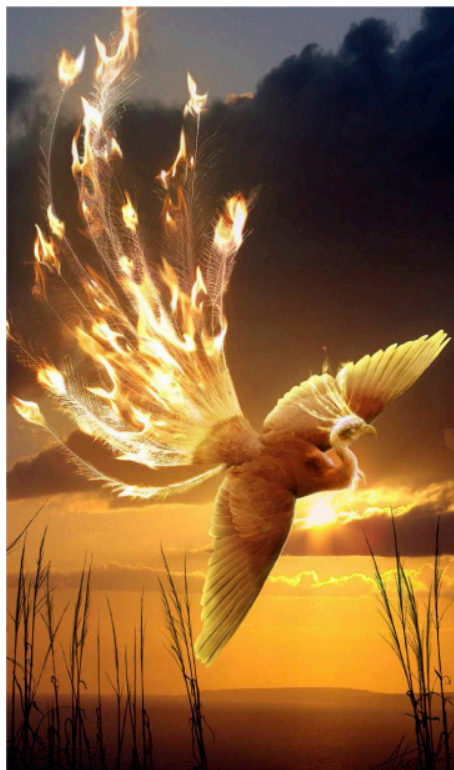


Figura 6. Phoenix. Ahycodae

neurônios e sinapses que faíscam novos conhecimentos.

O fogo é a simbologia do poder, que gera a transformação da matéria e da energia. É também a simbologia do amor e do sexo que todo humano sabe que pode queimar, mas que ninguém se esquiva de vivenciar. Após o roubo do fogo por Prometeu, Zeus cria uma mulher curiosa, inteligente, bela e inobediente. Oferece uma caixa e pede para não abrir, reconhecendo previamente que ela irá desobedece-lo.

Pandora abre a caixa libertando todos os males da humanidade<sup>10</sup>. Desesperada, ela tenta fechar a caixa, permitindo que a esperança seja aprisionada. Por esta história, a esperança seria um mal da humanidade...

O Fogo representa uma busca de sonhos também parecida com Dom Quixote<sup>11</sup>. Fenomenologicamente, Sancho é a âncora da realidade de Quixote, mas ele não sobreviveria sem os sonhos do fidalgo que sempre confundia moinhos de ventos com dragões a serem vencidos.

Similarmente, ancorei minha produção científica nos ecos da militância, seja

10 SANTOS, José Eduardo; SATO, Michèle (Orgs.). A contribuição da educação ambiental à esperança de Pandora. São Carlos: Rima, 2003.

11 CERVANTES, Miguel. Dom Quixote de La Mancha. Lisboa: Publicações Dom Quixote, versão celebrativa dos 500 anos, revisada, ampliada e ilustrada por Salvador Dalí, 2005, 625p.

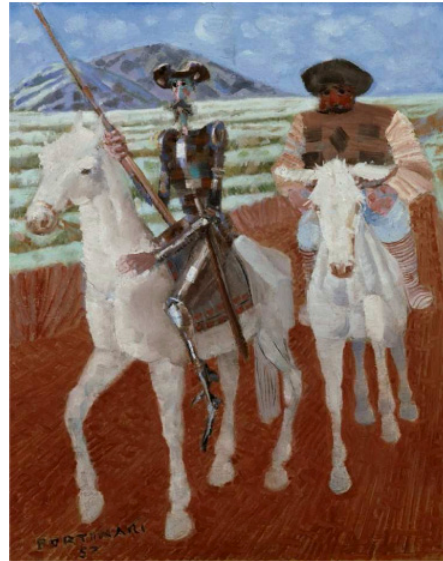


Figura 7. Quixote e Sancho. Cândido Portinari.

ambientalista, seja em direitos humanos. Como Quixote, eu tenho um sonho: eu quero transformar o mundo! E estes “parceiros de rua” (militantes como eu) foram simbolicamente representados por Sancho, que me puxavam às realidades, muitas vezes lançando as cordas para amarrar os dragões, que me mostravam as privações sociais, os conflitos socioambientais, e as violações dos direitos humanos e da Terra<sup>12</sup>.

12 Desde a fundação do Fórum de Direitos Humanos e da Terra (FDHT), em 2009, constituído no bojo da militância da sociedade civil, tenho coordenado a produção dos três relatórios estaduais que denunciam os conflitos socioambientais e as violações de direitos humanos, nos anos 2011, 2013 e 2015, e que colaboraram nas conferências estaduais de Direitos Humanos e da Terra, organizadas pelo Governo de MT [<http://direitoshumanosmt.blogspot.com.br/>]. Hoje também faço parte do Movimento Nacional dos Direitos Humanos (MNDH) com sede em Brasília e representação em cada estado brasileiro.

Convém lembrar que isso não é uma regra a ser cumprida, já que a pesquisa não é positivista em resolver problemas, e nem utilitarista para gerar uma verdade e servir para alguma coisa específica, seja ela qual for. Pondero isso porque conheço algumas pessoas essencialistas, focando a atenção para um determinado fim e desprezando outras que estão fora das “essências aristotélicas”. Um militante da esquerda que só enxerga a pesquisa se servir à revolução; uma feminista que acredita na essencialidade de gênero; ou ainda um negro que só preconiza as relações raciais. Desprezam o mosaico mais complexo da trama, e a capacidade da guinada instituinte, seguindo um modelo fatalista da única veridicidade.

Retomando a caixa de Pandora e a esperança que restou no fundo, é possível admitir que para os deuses de Olimpo, a esperança era realmente um aspecto negativo da vida, já que representava meramente uma expectativa sem certeza da concreção. A capacidade em transformar o mal em bem é o talento subversivo da humanidade, que mesmo enfrentando as piores situações, não abandona as esperanças. É a tática social impregnada de potências criativas, com abandono da fatalidade determinada, e a habilidade em mudar a vida, reinventando a paixão.

Fugaz, muitas vezes o **AR** não é o instrumento exato da medida, oscilando

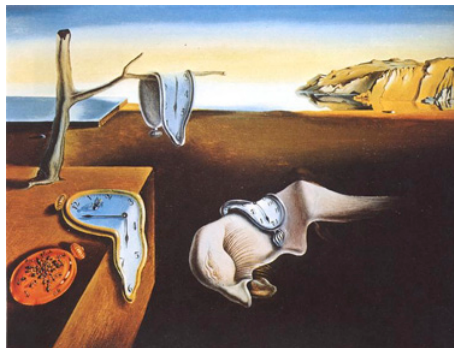


Figura 8. *Persistencia de la memoria.*  
Salvador Dalí

nos coeficientes de nossas próprias percepções. Contudo, no reino da imaginação, o ar liberta os devaneios da liberdade e isso pode representar uma filosofia do devir. É no vir-a-ser, portanto, que finalizo o memorial sobrevoando no horizonte de possibilidades, com ciclos de renascimentos que consigam esculpir juntos o coração (axioma), o pensamento (episteme) e a obra (práxis).

O ar é o elemento que toca todos os demais, dando um movimento avaliativo da travessia profissional. Formação, pesquisa, produção, docência e vivência comunitária se localizam, nacionalizam e se internacionalizam em processos espirais das atividades concretizadas.

Para Nietzsche<sup>13</sup>, o ar é a substância de nossa liberdade. Talvez seja o assopro que projeta e amplifica nossos sonhos

13 NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano. Um livro para espíritos livres.* São Paulo: Nova Cultural, Os pensadores, 61-1

de utopia, com esperanças para que as nuvens umedeçam nosso olhar contra a aridez das maldades humanas. Ao lado de boas lembranças, algumas cicatrizes permanecem, talvez para sinalizar que precisamos permitir que a memória persista no gerúndio, no continuum de nascer e renascer.

*O movimento das águas é caminho  
inconsciente mutação contínua  
nunca terminada  
é caminho vital de si mesma  
~ Orides Fontela*

## TERRA e labirintos (Formação)

---

Não tenho dúvidas o quanto a educação familiar é decisiva à travessia de vida. Tenho em meu pai, Tomichiyo Sato, um Dom Quixote que sempre quis mirar como exemplo de humanidade. E minha mãe, Sonoko Sato, que além de ser Sancho, foi uma das mais belas educadoras por meio da arte. Meus irmãos e irmãs: Ivone, Tatemí, Hélio, Megumi, Júlia, Mário e Neusa por quem possuo profundo respeito, admiração e carinho e que também contribuíram com minha gênese formativa. Apesar de economicamente prejudicada, minha família me proporcionou uma educação mágica e a infância repleta de emoções admiráveis, entre árvores, bichos, quintal e cuidados amorosos.

Embora eu tenha nascido na capital da pauliceia desvairada, num país cristão, as religiões xintoísta e budista estavam vivas na tradição japonesa de meus pais, contribuindo para compreender a teia da vida entrelaçada, com toda reverência à natureza. Só recentemente, contudo, é que os ecos destas vozes sagradas fizeram sentido existencial, e hoje dedico um tempo estudando zen budismo, exercendo ioga, fazendo curso de shiatsu<sup>14</sup> e praticando a arte da meditação, que exige um esforço enorme em esvaziar os pensamentos, na contramão do trabalho intelectual em estar constantemente atenta aos fenômenos.

Também no âmbito familiar, a constituição de uma outra família me moldou em vida percorrida, nas travessias com Paulo Teixeira de Sousa Jr e nossos dois filhos, Guilherme e Luigi, que se tornaram três homens muito importantes na minha vida. Eles ajudaram (e ainda ajudam), direta ou indiretamente, à minha formação, me tornando uma pessoa melhor. E também sempre me incentivaram, vibraram nas alegrias e sofreram comigo em episódios não felizes.

---

14 Técnica de terapia japonesa, que se assemelha com a cura pelos meridianos da acupuntura, contudo com pressão dos dedos ou pressão muscular, ao invés de agulhas. Acredita-se que estes pontos a serem massageados (tsubo) possuem a energia (ki), e que podem restabelecer os desequilíbrios gerados pelas tensões cotidianas. RAPPENECKER, Wilfried; KOCKRICK, Meike. Atlas de Shisatsu. Os meridianos do Zen Shiatsu. Barueri: Manole Ed., 2008.



Figura 9. Torii-Shinto. Miyajima

Na infância e adolescência, duas grandes professoras foram substancialmente importantes nas escolhas e nos caminhos não somente profissionais, mas também de vida: “Maruyamaa Sensei”, perspicaz e sábia, me ensinou muito além da língua japonesa, e trouxe molduras artísticas de variadas expressões na constituição de meu ser desde a tenra idade (1964-76). Poesia, pintura, música, teatro, canto ou escultura estavam primorosamente presentes nas aulas de japonês que complementava a educação formal da

educação pública, me proporcionando uma educação integral. E professora Ermelinda Matos, que ainda hoje tenho bons contatos, e que me ensinou a boniteza das ciências da vida e da educação juntas, estimulando as primeiras viagens de campo com os colegas da educação básica (1966-77). Por inspiração desta grande mulher, escolhi a biologia como opção universitária nos anos posteriores.

Meu ingresso no curso de biologia na Universidade de Santo Amaro (1978-82) trouxe muitas descobertas, e primo pela visão biocêntrica, que até hoje influencia meu modo de pensar e de agir no respeito à vida, qualquer que seja ela. Esta visão sempre trouxe a magnificência da natureza, com o *Homo sapiens* sendo parte dela e não a controlando, e ainda na época de estudante, percebi os contornos políticos da militância ecologista como uma aliada à construção de saberes significativos. Meu professor predileto era o Henrique CANTER, famoso zoólogo do Instituto Butantã, local que tivemos muitas aulas, eventos e aprendizagens.

Ainda cursando biologia, iniciei estágio no Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo (1981-83), ocasião de mais aprendizagens e contatos. Pessoas interessantes contribuíram com minha formação, como o meu orientador NORIYOSHI YAMAGUTI, especialista em peixes bentônicos. Era a ocasião da ida à Antártica e grandes navios equipados saíram dos

portos paulistas rumo ao extremo do hemisfério sul. Foi neste período que comecei a lecionar nas escolas públicas, nas periferias de São Paulo, e a paixão pela educação ofuscou meu interesse com as pesquisas em peixes, pinguins e gelos no polo sul.

O mestrado veio cerca de 10 anos depois, quando meu namorado, hoje marido, resolveu fazer seu doutorado na University of East Anglia (UEA), Inglaterra (1988-93). De início, parti como acompanhante, mas logo aprendi bem o idioma britânico e encorajada por muitos, principalmente pelo marido, solicitei a bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para o desenvolvimento do Master of Philosophy (M. Phil), um nível intermediário entre o mestrado e o doutorado que parece existir somente na Inglaterra.

De uma bióloga apaixonada pela vida, o roteiro começava a se modificar com um grupo de estudos em filosofia liderado pelo Professor Tim O'RIORDAN, meu orientador juntamente com o Professor John BARKHAM. Entre a filosofia de O'RIORDAN e a ecologia de BARKHAM, o mestrado navegou nos mares dos livros didáticos em educação ambiental. Muitas vezes à deriva, primeiramente porque era um idioma estrangeiro, mas também porque era o momento da guinada conceitual e o meu ingresso ao mundo da filosofia, que jamais me despedi até os dias atuais.



Figura 10. DNA. EarthBound

Avaliei cerca de 400 livros didáticos brasileiros e ingleses, além de entrevistar professores dos dois países. Meus estudos revelavam que para muito além de instrumentos didáticos, a formação dos professores era a essência da educação básica. A defesa na Inglaterra não era seção aberta e o exame ocorreu somente entre os membros da banca. No chá da atmosfera britânica, defendi o texto recheado de Paulo FREIRE, pois para mim, era importante sublinhar a contribuição de um educador brasileiro. E a celebração chegou mais intensa quando foi anunciado

de que não tinha nenhuma correção a fazer num trabalho de 210 páginas em inglês<sup>15</sup>.

O retorno ao Brasil marcou o início do Doutorado em Ciências no Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais (1994-97)<sup>16</sup>, sob a orientação do professor, e até hoje meu orientador, José Eduardo DOS SANTOS. O panorama brasileiro se modificava com a realização da Rio92 e na época, eu era uma das únicas pessoas que criticava o conceito ambíguo do “desenvolvimento sustentável” apregoado pelo relatório de Brundtland.

O Prof. José Eduardo acreditou no meu potencial e abriu uma disciplina no programa intitulada “tópicos especiais de educação ambiental”. Embora a disciplina estivesse oficializada sob a sua responsabilidade, era eu quem ministrava as aulas. Vivi, assim, a situação de ser estudante de doutorado, ministrando uma disciplina no mesmo programa. Foi a época do lançamento do meu primeiro livro<sup>17</sup>, por meio do incentivo do Zé Eduardo. E outros vieram, sempre com

15 SATO, Michèle. How the Environment is written: a study on the utilisation of textbooks in environmental education in Brazil and England. M.Phil Thesis: 1992, 210 p. Norwich: School of Environmental Sciences, University of East Anglia, UK

16 SATO, Michèle. Educação para o ambiente amazônico. São Carlos: 1997, 246 p. Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais, UFSCar.

17 SATO, Michèle. Educação ambiental. São Carlos: Rima, 1994.



Figura 11. O pensador. Auguste Rodin

muito incentivo, torcida e amizade do meu orientador. Até hoje.

Com o convite de vir para Cuiabá como professora visitante, mudei a proposta de doutorado para assumir a coordenação de um projeto internacional intitulado “Educação ambiental na Amazônia” (EDAMAZ), que trouxe enorme aprendizagem em amplos sentidos. A pesquisa de doutorado visou a formação de professores em educação ambiental, por meio da pesquisa-ação, com envolvimento de 6 escolas de Cuiabá, em parceria com a Bolívia, Colômbia e o próprio Canadá, que financiou o projeto internacional.

Lucie SAUVÉ do departamento de educação da Université du Québec à Montréal

(UQAM) era minha musa inspiradora e me ajudou muito a construir a pesquisa de Doutorado. Tenho enorme gratidão a ela e sua equipe da UQAM, bem como aos amigos internacionais, principalmente a Aura Teresa BARBA, da Universidad

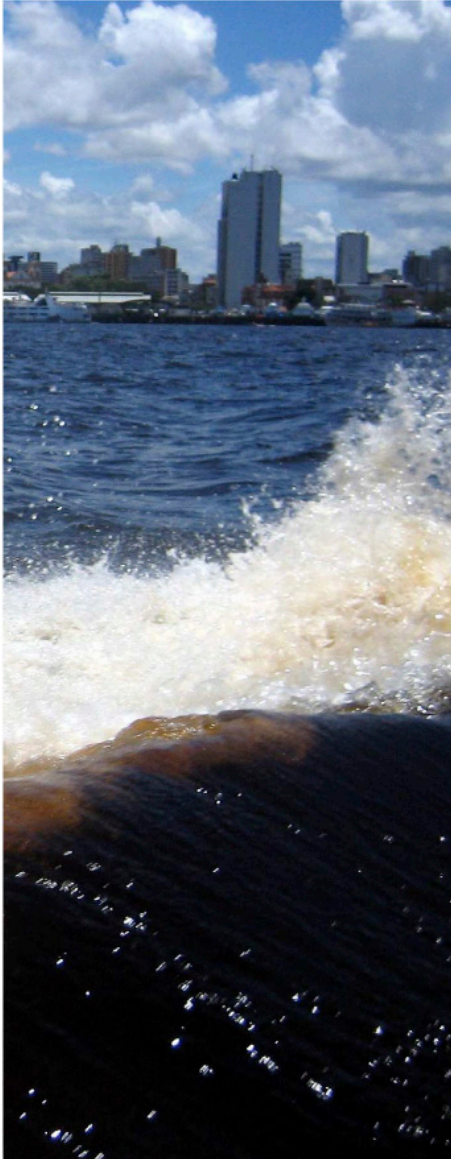


Figura 12. Rio Negro e Solimões. Gunter Engel

Autónoma Gabriel Rene Moreno (Bolívia) e Elsy CASTILLO da Universidad de la Amazonia (Colômbia). Na equipe brasileira passaram vários pesquisadores, já que o projeto durou cerca de 10 anos. E entre elas, algumas pessoas foram especiais: Paulo SPELLER, Silas BORGES MONTEIRO, José Carlos MELLO, Glauce VIANA SOUZA-TORRES, Maria BENÍCIO RODRIGUES, Josita PRIANTE, Carla PIMENTEL-ÁGUAS, João Carlos GOMES e Samuel BORGES DE OLIVEIRA pela UFMT; além do Carlos MALDONADO e Valquíria DE ARAÚJO, pela Secretaria de Estado de Educação (SEDUC).

O processo formativo é constante e não existe pretensão de esgotar a busca do saber. Meu primeiro estágio de pós-doutorado (2007) encontrou Lucie SAUVÉ ainda na coordenação de um projeto internacional com a América Latina, que entrei como consultora. Aproveitando as viagens e encontros do projeto, desenhávamos também outras pesquisas no campo da educação ambiental amazônica. Dediquei atenção aos jovens da Amazônia<sup>18</sup>, e em especial como as juventudes interpretavam o ambiente no contexto das conferências infanto-juvenis de meio ambiente, eventos que eram organizados pelo Ministério da Educação (MEC), sob a batuta formidável de uma amiga querida, Rachel TRAJBER.

18 SATO, Michèle. Jóvenes transbordantes en mundos suspendidos. In: GONZALES, E. (Coord.) La educación frente al desafío ambiental global.1 ed.México, DF: CREFAL & Plaza y Valdes, p. 229-240, 200

O segundo estágio de pós-doutorado foi na Universidade A Coruña, na Galícia espanhola (2014). Interessada em justiça climática, quis conhecer as narrativas mitológicas das mulheres do mar sobre a escassez da água. Dando vazão à imaginação, as histórias das marisqueiras e das redeiras eram bastante especiais, com recheio dos Mares do Norte, territórios banhados pela mitologia celta<sup>19</sup>. A pesquisa foi um pequeno recorte de um projeto maior, que será apresentado na próxima seção, que hoje perfaz um recorte da Rede de Educação Ambiental e Justiça Climática (REAJA).

Faltam-me palavras para emoldurar Araceli SERANTES PAZOS (Boli) no quadro de minha trajetória. Amiga, cuidadosa, parceira, pesquisadora e sabe viver feliz, uma qualidade rara num mundo assombrado pelos delírios da crise. Por seu intermédio, tive o prazer de me hospedar no Castelo Santa Cruz, que hoje foi transformado em um Centro de Extensión Universitária e Divulgación de Galícia (CEIDA)<sup>20</sup>. E tenho a grata satisfação de ser editora ao lado dela, de uma das primeiras revistas internacionais da educação ambiental, que sempre primou pela importância dos idiomas galego e português à construção das identidades na educação ambiental.

19 SATO, Michèle. Mitopoética das águas salgadas. Cuiabá: GPEA-UFMT (relatório de pesquisa de pós-doutorado), 50p., 2014 (mimeo)

20 <http://www.ceida.org/>



Figura 13. Castelo CEIDA. Michèle Sato

O periódico internacional intitula-se AmbientalMente Sustentable<sup>21</sup>, e vem recebendo diversas aportes, colaborando significativamente à educação ambiental mundial. E assim sigo avançando nestes mares, territórios e ares, ciente de que o processo formativo nunca se finda e que o futuro é sempre promissor.

*A gente descobre  
que o tamanho das coisas  
há de ser medido pela intimidade  
que temos com as coisas.*

*Há de ser como acontece com o amor.  
Assim, as pedrinhas do nosso quintal  
são sempre maiores  
do que as outras pedras do mundo.  
~ Manoel de Barros  
(Memórias inventadas)*

21 <https://revistas.udc.es/index.php/RAS/index>

## FOGO e transformações (Pesquisas)

---

Foi no desenvolvimento dos projetos de pesquisa que talvez minha formação tenha se tornado mais consistente, aliando três dimensões intrinsecamente espiraladas e inseparáveis:

- (a) EPISTEME: uma dimensão reflexiva no campo teórico, em diálogos com os patrimônios investigativos consolidados e na produção de novos;
- (b) PRAXIS: na vivência, experimentação e métodos que não se despedem da teoria, mas são moldados pelas teorias que consolidam a parte empírica; e
- (c) AXIOMA: totalmente abotoada às outras duas dimensões prévias,



Figura 14. *Spiral*. Michèle Sato

relacionam-se com nossos valores, princípios éticos e essencialmente políticos que determinam nossas escolhas.

Participei de 26 projetos de pesquisa, duas vezes como colaboradora, e 24 vezes como coordenadora da educação ambiental, seja nos projetos diretamente ligados ao Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA), ou em demais projetos de outras áreas, que abrem possibilidades da inserção da educação ambiental. É o caso de uma rede de engenheiros sanitários preocupados com as usinas de reciclagem dos resíduos sólidos (Prosab)<sup>22</sup> e que tive a grata satisfação de ter minha primeira orientanda de Mestrado em Educação, Glauce VIANA SOUZA-TORRES, hoje uma amiga muito amada.

Um outro exemplo foi o projeto Guariba<sup>23</sup>, na Amazônia mato-grossense, coordenado por químicos, e que acolheu as áreas da agronomia, economia e educação ambiental como proposta comunitária.

---

22 SATO, Michèle. Resíduos Sólidos e educação ambiental. In: PROSAB: Metodologias e Técnicas de Minimização, Reciclagem e Reutilização de Resíduos Sólidos Urbanos. Rio de Janeiro: ABES - Assoc. Bras. de Eng. Sanitária e Ambiental, PROSAB - Prog. de Pesq. em San. Básico, 1999, p. 58-65 [financiamento do Fundos de Estudos e Projetos, FINEP].

23 SATO, Michèle et al. Ética na pesquisa contemporânea de energia In: ZAKRZEVSKI, Sônia (Org.) Educação Ambiental e Compromisso Social - Pensamentos e Ações. Erechim: URI, 2004, p. 251-263 [Financiamento: Ministério de Minas e Energia e Eletronorte, ELN].

A meta era a produção de biodiesel com mistura de sementes oleaginosas, acelerada por processos químicos e com aproveitamento de diversas espécies nativas da região. A primeira publicação do projeto foi o capítulo que tentava abordar todas as áreas, num livro organizado pela primeira orientanda de doutorado na UFSCar, Sônia ZAKRZEWSKI, professora da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), RS, e hoje uma amiga muito querida.

Para não pecar na longa extensão, trouxe somente aspectos breves da pesquisa e as principais orientações relacionadas com os projetos. Selecionei oito projetos para melhor compreensão de minha trajetória investigativa, e confesso que foram difíceis escolhas. Os seletos foram projetos com alguma repercussão, diálogos internacionais, rede de parceiros nacionais, ou produção científica que contribuíram na travessia profissional. Todos os 26 projetos (finalizados e ainda em desenvolvimento) foram financiados por agências nacionais ou estrangeiras, e estão detalhados no blog do GPEA<sup>24</sup>.

24 Projetos finalizados e atuais:  
<http://gpeaufmt.blogspot.com.br/p/projetos-finalizados.html>  
<http://gpeaufmt.blogspot.com.br/p/projetos-em-andamento.html>

25 SATO, Michèle. Tele-Educación Ambiental. Construyendo Utopías. Tópicos en Educación Ambiental, v.2, p.41 - 48, 2000.

26 Pink Floyd: We do not need no education. The wall, 1979.

Environmental Education through interactive methods (EEM)
<b>Período:</b> 1996-98
<b>Financiamento</b>
American Telephone and Telegraph
<b>Parceiros</b>
Consórcio Red de Educación a Distancia (Venezuela), Open University (UK) and International Commission on Distance Education (Norway).
<b>Objetivos</b>
objetivava a formação de professores em educação ambiental, em escolas da capital Cuiabá, por meio das Novas Tecnologias de Comunicação e Educação (NTCE) e princípios da educação a distância.
<b>Destaques</b>
Um projeto com diversas parcerias internacionais importantes <sup>25</sup> , que embora tenha tido foco nas tecnologias de informação, também considerou a formação de professores como política internacional. Naquela época, as escolas não possuíam muito conforto tecnológico e por isso, a doação de materiais de informática foi muito bem-vinda à comunidade escolar. Contudo, como toda boa novidade, os excessos zelos e de regras impostos ao uso dos computadores cansaram alguns estudantes, que talvez tenham cantado “não precisamos de educação” <sup>26</sup> .



Figura 15. We don't need no education. Pink Floyd

<b>Educação Ambiental na Amazônia (EDAMAZ)</b>	
<b>Período:</b>	1994-2004
<b>Financiamento</b>	Canadian International Development Agency (CIDA); Universidades de la Amazonia (Unamaz)
<b>Parceiros</b>	4 Universidades. Montréal, Canadá (UQAM), Santa Cruz de la Sierra, Bolívia (Universidad Gabriel René Moreno, UGRM), Letícia, Colômbia (Universidad de la Amazonia, Unamaz) e em Cuiabá, a UFMT.
<b>Objetivos</b>	O projeto durou cerca de 10 anos e teve várias metas, mas basicamente, manteve os objetivos de: (1) promover a formação de 4 equipes universitárias por meio da pesquisa-ação; (2) promover a formação de professores de escolas públicas em educação ambiental; (3) elaborar e criar materiais pedagógicos para inserção da educação ambiental nos currículos; (4) conservar a Amazônia por meio das políticas públicas em educação ambiental.



Figura 16. Biodiversidade na Amazônia. Gunter Engel

<b>Destaques</b>
Foi o projeto que trouxe muitas publicações, orientações em vários níveis, intercâmbios internacionais e alto grau de aprendizagem, além da própria formação humana. Lucie SAUVÉ foi a coordenadora geral do Canadá, em parceria com as coordenações de cada país latino-americano da Bolívia, com Aura Teresa BARBA; da Colômbia, com Elsy CASTILLO; e no Brasil, comigo na coordenação. Durante o projeto, finalizei o Doutorado, e aqui iniciaram as primeiras orientações stricto sensu, envolvendo 4 estudantes de Mestrado e muitas vivências comunitárias e de extensão. Um bom livro internacional foi organizado pela Lucie Sauvé e Isabel ORELLANA da UQAM e eu pela UFMT, reunindo diversos nomes importantes no campo da educação ambiental mundial <sup>27</sup> . O projeto ganhou 2 prêmios internacionais: a) o de excelência pela internacionalização e desenvolvimento comunitário pela Associação das Universidades do Canadá e pelo Banco Scotia no ano 2000; b) e prêmio em excelência pelos projetos internacionais pela Canadian International Development Agency em 2002.

<b>Educação Ambiental como prática sustentável na Comunidade Pantaneira (Projeto Mimoso)</b>	
<b>Período:</b>	1997-2003
<b>Financiamento</b>	Global Environmental Facility (GEF), Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), Organização dos Estados Americanos (OEA) e Agência Nacional das Águas (ANA).

27 SAUVÉ, Lucie; ORELLANA, Isabel; SATO, Michèle (Eds.). Sujets choisis en éducation relative à l'environnement - D'une Amérique à l'autre. Montréal: ERE-UQAM, v. I et II, 2002.

<b>Parceiros</b>
Secretarias de Educação (SEDUC), de Meio Ambiente (SEMA), Instituto Brasileiro de Recursos Naturais e Meio Ambiente (Ibama).
<b>Objetivos</b>
Promover a educação ambiental no âmbito da escola e no seu entorno por meio de Projetos Ambientais Escolares Comunitários (PAEC) que agenciassem a conservação do Pantanal e a formação dos habitantes de Mimoso. O vasto programa englobava os estados de MS e MT, na tentativa de enxergar o Pantanal em sua totalidade, e criar meios à sua conservação, com ênfase nas águas.
<b>Destaques</b>
Foi o primeiro projeto que consolidou a educação popular, além da escolarizada, e que mudou minha forma de enxergar a educação ambiental em comunidades pequenas. A partir deste período, nunca mais consegui sair da educação popular <sup>28</sup> .

<b>Diagnóstico e avaliação da Educação Ambiental na Amazônia</b>
<b>Período: 2000-02</b>
<b>Financiamento</b>
World Wild Fund for Nature (WWF)
<b>Parceiros</b>
Diversas entidades governamentais e da sociedade civil de 6 estados amazônicos.
<b>Objetivos</b>
Conhecer a realidade amazônica e os projetos, vivências e experimentações em educação ambiental em Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Amapá e Pará.

28 SATO, Michèle (Org.) Sentidos Pantaneiros: Movimentos do Projeto Mimoso. Cuiabá: KCM Editora, 2002



Figura 17. Capa do livro (rodapé 29). WWF

Os trabalhos de campo duravam cerca de 1 mês, em função da enorme distância entre os pontos a serem visitados, o que possibilitou admirável construção de saberes significativos da Amazônia.
<b>Destaques</b>
Foram identificados cerca de 200 projetos, sistematizados, organizados e publicados em um livro, ricamente ilustrado e financiado pelo WWF <sup>29</sup> . Conheci os sujeitos amazônicos e seus territórios, numa cartografia extensa das diversas amazônias. Tive o privilégio de conhecer projetos, vivências e experiências na Amazônia brasileira numa visão extensa do bioma, seus conflitos e suas exuberantes belezas socioambientais.

29 SATO, Michèle; TAMAIO, Irineu; MEDEIROS, Heitor. Reflexos das cores amazônicas no mosaico da Educação Ambiental. Brasília: WWF-Brasil, 2002

Identidades partilhadas em territórios de Comunidades Africanas e Brasileiras (Pró-África)
<b>Período:</b> 2010-2011
<b>Financiamento</b>
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)
<b>Objetivos</b>
Identificar os grupos sociais vulneráveis existentes em Cabo Verde, num processo de mapeamento social, metodologia criada pelo GPEA no processo de zoneamento socioeconômico ecológico (ZSEE) do estado de MT. Ademais, era interesse observar as relações de gênero e das identidades construídas no âmbito da lusofonia, na larga comunidade de 8 países falantes da língua portuguesa.
<b>Destaques</b>
Foi uma equipe de 5 mulheres pesquisadoras, eu e 4 orientandas de doutorado (Regina, Michelle, Imara e Lúcia), e encontramos com a Aidil BORGES, que na época trabalhava no alto escalão do Ministério da Educação de Cabo Verde. A disponibilidade de um carro e do motorista facilitou em demasia os trabalhos de campo, além da presença carinhosa da Aidil, família e amigos, que foram bastante hospitaleiros e parceiros. Isso possibilitou que um outro projeto coordenado pelo GPEA conseguisse trazer Aidil e o funcionário do Ministério de Meio Ambiente, ainda hoje muito amigos e parceiros da educação ambiental internacional.



Figura 18. Ilha do Fogo, Cabo Verde Regina, Imara, Michèle Michelle e Lúcia. Arquivo GPEA

Mapeamento Social das Identidades e Territórios de Mato Grosso
<b>Período:</b> 2010-12
<b>Financiamento</b>
Fundação de Amparo à pesquisa de Mato Grosso (FAPEMAT)
<b>Parceiros</b>
Grupo de Trabalho de Mobilização Social (GTMS) e diversas entidades da sociedade civil de MT.
<b>Objetivos</b>
Promover o mapa social de MT, compreendendo as identidades construídas nos territórios, os conflitos socioambientais existentes e as táticas de enfrentamento aos dilemas socioambientais.
<b>Destaques</b>
Foi uma das grandes inovações do GPEA criar uma metodologia que pudesse trazer as principais lideranças de grupos sociais vulneráveis de MT, ouvindo suas histórias e contando outras no marco significativo dos movimentos sociais.

Por meio de duas teses de doutorado<sup>30</sup>, o mapa social é hoje instrumento oficial do Estado de MT, identificando as diferentes paisagens, territórios e identidades de lutas.

### Ciência e cultura na reinvenção educucomunicativa

**Período: 2009-16**

#### Financiamento

Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Fundação de Amparo à Pesquisa de Mato Grosso (FAPEMAT), Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Áreas Úmidas (INAU) e Sesc Pantanal.

#### Parceiros

Escola Livre Porto Cuiabá, Projeto Millennium (ONU).

#### Objetivos

Um projeto de longa duração que teve vários objetivos: (1) Compreender a dinâmica hídrica das águas e as relações com as identidades dos habitantes pantaneiros; (2) promover cursos de formação no âmbito a escola e também fora, por meio da educação popular; (3) promover a educucomunicação participativa<sup>31</sup>, tanto no

âmbito das comunidades como de jornalismo científico; (4) Mapear os grupos sociais vulneráveis dos diversos “Pantanaís”, suas identidades, conflitos socioambientais e meios de vida<sup>32</sup>; (5) interpretar etnograficamente as vidas cotidianas das vidas pantaneiras, por meio dos saberes de pássaros<sup>33</sup>, canoas<sup>34</sup>, pescas<sup>35</sup>, festas<sup>36</sup>, mulheres<sup>37</sup> e outros contadores de histórias (mitologia).

30 SILVA, Regina Aparecida. **Do invisível ao visível: o mapeamento dos grupos sociais do estado de Mato Grosso-Brasil**. São Carlos: 2011, 222f. Tese (Doutorado em Ciências). Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais, UFSCar. JABER-SILVA, Michelle T. **O mapeamento dos conflitos socioambientais de Mato Grosso: denunciando injustiças ambientais e anunciando táticas de resistência**. São Carlos: 2012. 253f. Tese (Doutorado em Ciências). Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais, UFSCar.

31 SILVA, Maria Liette Alves. **Cartografia de Joselândia: o acontecimento e o pensamento da multiplicidade**. Cuiabá: 2013, 164f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, UFMT.

32 SATO, Michèle; SILVA, Regina; JABER-SILVA, Michelle. Between the remnants of colonialism and the insurgence of self-narrative in constructing participatory social maps: towards a land education methodology. *Environmental Education Research*, v.20, n. 1, 102-114, 2014.

33 OLIVEIRA-JR, samuel Borges. Avifauna pantaneira: diálogo de saberes científico e popular em áreas úmidas (São Pedro de Joselândia). São Carlos: 2011, 122f. Tese (Doutorado em Ciências). Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais, UFSCar.

34 QUADROS, Imara; SATO, Michèle; KAWAHARA, Lúcia. Deslizando da margem à correnteza: a mobilidade da canoa na arte da educação ambiental. *AmbientalMente Sustentable*, ano VI, v. 1, n. 11-12, 83-106, 2011.

35 DALLA-NORA, Giseli; SATO, Michèle. “Água e vento são meio sustento”: aspectos teórico-conceituais a serem considerados na pesquisa em Educação Ambiental e mudanças climáticas. *AmbientalMente Sustentable*, ano X, v. 2, n. 20, 235-247, 2015.

36 KAWAHARA, Lúcia; SATO, Michèle. Festa de São Pedro e serviços culturais: aprendizagens de um grupo pesquisador em educação ambiental no Pantanal. n.1. 221-240, 2015.

37 MANFRINATE, Rosana, QUADROS, Imara, KAWAHARA, Lúcia. *CulturArte da mulher negra no contexto da educação ambiental*. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, FURG, edição especial 2016 [SATO, M. & PEREIRA, V. Eds.], p. 120-137.

Destaques
<p>O projeto foi coordenado pelo alemão Wolfgang Junk e pelo prof da UFMT, Paulo Teixeira de Sousa Jr., por meio de 5 laboratórios distintos e cada qual com especificidades investigativas. O laboratório 5 foi liderado pelo GPEA e agregava as pesquisas humanas e sociais do projeto. Foi interessante buscar diálogos com as pessoas dos demais laboratórios, e com os coordenadores, contudo, foi um dos projetos mais desafiadores ao GPEA, que era constantemente cobrado pelas pesquisas quantitativa e estudos econômicos, num duro exercício interdisciplinar. Porém trouxe muitas contribuições científicas, amadurecimento e visão ética em relação aos diferentes pontos de vista. O projeto finalizará em dezembro de 2016, e já tem uma proposição de livro com as principais pesquisas realizadas no âmbito do laboratório 5. Foi um bonito projeto que conseguiu trazer 11 pesquisadores mirins (educação básica) à iniciação científica da pesquisa no Pantanal, além dos processos de formação.</p>



Figura 19: Canoa pantaneira.  
João Quadros

Rede de educação Ambiental e Justiça Climática (REAJA)
<b>Período: 2015-17</b>
Financiamento
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)
Parceiros
UFMT, Instituto Federal de MT, U.de Estado de MT, U. de São Paulo, U. de Brasília, U. Católica Dom Bosco, U. Veracruzana (México), U. de Santiago de Compostela (Espanha) e U.e A Coruña (Espanha). E também com entidades governamentais como secretarias de educação e meio ambiente e do Centro Nacional de Monitoramento e Controle de Desastres Naturais (Cemaden), além de parceiros da sociedade civil, como a Operação Amazônia Nativa (Opan) e o Instituto Caracol (ICA).
Objetivos
Partindo da premissa de que os efeitos catastróficos das mudanças climáticas acometerão os economicamente desfavorecidos, o projeto busca construir as políticas públicas de justiça climática e educação ambiental por meio da formação, comunicação e pesquisa.
Destaques
Trata-se de uma rede internacional entre Brasil, México e Espanha à formação da Rede de Educação Ambiental e Justiça Climática (REAJA) nos diálogos da formação e investigação científica. Agrega pesquisadores de várias áreas e entidades, complexificando as ações com povos indígenas, quilombolas, mulheres, pescadores, e demais grupos sociais vulneráveis à mercê de uma política que pouco tem sobre desastres e resiliências. Estamos concorrendo ao recente edital da Fapemat (2017), sob a criação de uma rede internacional de pesquisadores, bastante coincidente com o perfil projeto já aprovado pelo CNPq.

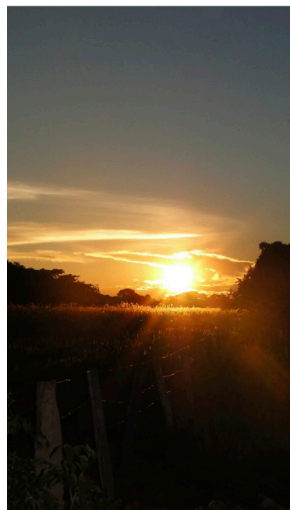


Figura 20: São Pedro de Joselândia.  
Michèle Sato

Nas intrincadas tramas do labirinto da terra, ainda temos um projeto que foi submetido à UNESCO (United Nations, Educational, Scientific and Cultural Organisation) em New York, em parceria com a Universidade de Tokai, Japão. Trata-se de uma rede de escolas e universidades que trabalham com formação de professores, relacionados aos grandes eixos mundiais da Unesco, que envolvem a educação, o meio ambiente, o clima, a sustentabilidade, as relações de gênero, a justiça social e os direitos humanos. O projeto já teve início informal entre ambas as universidades, com duas visitas dos japoneses nas terras mato-grossenses.

É relevante destacar que as crianças, filhos dos “dekasegi<sup>38</sup>” brasileiros, não têm atendimento educacional equitativo.

38 Termo usado para denominar os brasileiros descendentes de japoneses que vão ao Japão em busca de trabalho.



Figura 21. Série AquaMulher no 1  
Michèle Sato

Estudam em escolas brasileiras não-oficiais e são marginalizados pela sociedade. É na tentativa de acolhê-los na justiça social que o notável professor das relações internacionais, Daisuke Onuki, tem realizado diversas atividades, entre as quais está a formação de professores destas escolas brasileiras. É aqui que desenhamos o projeto e aguardamos oficializá-lo para caminhar em outra experiência internacional.

A seção “Fogo” foi uma forma de trazer os projetos de pesquisa intrinsecamente ligados aos processos formativos e de extensão, comprometidos não apenas com as ciências, mas com a ética dos povos,

da vida e da natureza. São travessias essenciais que ressignificam nossos passos e nossas próprias existências, pois:

*Uma pesquisa em Educação Ambiental deve ter ecos, além- mares, ares, terras e fogos. Tem que ser intensa em seus contrastes de formas, representações, volumes e composições. Só assim poderemos encontrar um plano dinâmico sob uma nova essência do conhecimento, enraizado em sonhos, que permaneça no impulso criativo das diversas formas de existência e que, sobremaneira, consiga novas formas de ultrapassagens às violências vivenciadas pela nossa era. A Educação Ambiental deve ter o compromisso de permitir sermos protagonistas para alcançar a utopia - apaixonadamente e sempre!<sup>39</sup> (p. 33).*

## AR e reencontros (Renascimentos)

Logo após a minha chegada em Cuiabá, surgiu uma possibilidade de participar de um seminário internacional sobre gestão ambiental no Quênia, na sede do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA). O edital previa apenas um representante por país, com financiamento deles, e com necessidade de falar a língua inglesa fluentemente, já que não haveria serviços de tradução.

38 SATO, Michèle. Apaixonadamente pesquisadora em educação ambiental. Educação Teoria e Prática, v. 9, n. 16/17, p. 24-35, 2001



Figura 22. Amores máxicos. Urbano Lugrís

Reconhecendo o difícil acesso, me inscrevi e fiquei bastante surpresa ao ser selecionada para representar o Brasil.

No final do longo seminário, cujos participantes já tinham construído laços de amizade, fui escolhida como oradora da turma e chamada oficialmente como representante da América Latina e Caribe. Foi uma das viagens que marcou minha vida, entre pessoas tão especiais de 64 países, e ainda a maciça presença de savanas, animais de grande porte e paisagens belíssimas que trouxeram emoções, e que possivelmente só seja possível sentir quando mergulhada no continente africano.

Ao passar por um desafio de representar o Brasil e usar a oratória em inglês, pensei que qualquer outra situação seria tranquila. Mas não foi: alguns anos mais tarde, recebi o convite para uma palestra no fórum social mundial e ao subir no palco e sentir a presença de 15 mil pessoas na plateia, a voz ficou trêmula novamente. Sinto que em cada aula, palestra ou aparição pública, deva ser normal se sentir nervosa, pois representa um respeito ao público, sob a responsabilidade de cumprir bem a tarefa.

Gosto de ministrar aulas, cursos e exposições. Gosto de respeitar o público preparando boas apresentações no power point, de escolher bem as imagens, sempre contextualizando o conjunto de texto, imagem, som e também sensação. Assim foram (e ainda são) as aulas no curso de pedagogia: *“metodologia de ciências naturais”* e também outra disciplina optativa intitulada *“tópicos especiais em educação ambiental”*.

Tenho encantamento com as aulas de cosmologia (guardada as devidas proporções de quem não tem formação em física), pois é o momento em que me perco na leitura e visitas em diversos sites especializados como a National Aeronautics and Space Administration (NASA), entre informações constantemente mutáveis, novas fotografias de altas resoluções, ou inovações descobertas que podem ser refutáveis de um ano para outro.



Figura 24. Juno's mission on Jupiter, 2016. NASA

Penso que minha paixão se expressa de tal maneira que as/os estudantes se sentem encantados pelas ciências, e talvez por isso, já fui homenageada algumas vezes pelas comissões de formaturas.

Não consigo lembrar as inúmeras vezes que ministrei disciplinas em cursos de especialização, seja no âmbito da UFMT ou por convites externos. (In)felizmente não sou muito fiel ao cumprimento do currículo Lattes, e por isso, não tenho noção quantitativa das vezes que participei em cursos de especialização.

No contexto dos programas de pós-graduação, ministrei disciplinas em inúmeras universidades. Mas atualmente, sou responsável pela disciplina intitulada *“Pesquisas em Ciências da Educação”*, que

desde a criação do Doutorado tinha o bom amigo Luiz PASSOS como corresponsável pelas discussões, debates e construções investigativas. A outra disciplina é mais específica do contexto da educação ambiental, e aí mudamos a cada ano, seja convidando alguns especialistas, seja modificando a didática, e essencialmente, reinventando a programação.

Durante um bom período fui colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (Prodema), uma rede de 10 universidades no nordeste. Circulei diversas capitais nordestinas, entre aulas, banca e palestras, mas foi em João Pessoa (UFPB) e em Mossoró (UERN) que mais contribuí, inclusive com coorientações no mestrado.

Também tive inserção no único programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (FURG) no Brasil, viajando muito para Rio Grande (RS), e até hoje tenho bons contatos, amigos e projetos conjuntos. É um programa que tenho muito carinho, não apenas por ser da educação ambiental, mas pelos bons laços de amizade.

Fui pesquisadora e professora credenciada no Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais da UFSCar durante 17 anos (1995-2012) e onde a disciplina de educação ambiental era uma das mais frequentadas. Conheci várias pessoas, propostas e projetos e foram

bons anos de aprendizagens no campo da ecologia. Orientei várias pessoas especiais, mas destaco 3 que hoje se tornaram minhas colegas de UFMT: Débora PEDROTTI-MANSILLA, Michelle JABER e Regina SILVA. Estas 3 doutoras hoje são docentes do GPEA junto comigo, contribuem consolidando o grupo, liderando atividades e, principalmente, são amigas muito amadas, que ultrapassam a vida acadêmica.

Adiciono na ciranda da “família GPEAna” o importante Ronaldo SENRA, hoje professor do IFMT, que foi meu orientando na UFMT desde o seu 2º ano de pedagogia (PIBIC), e depois no mestrado e também no doutorado. Especializou em educação do campo e hoje também atua como docente no GPEA, com ricas contribuições. Também colaboradoras cotidianas, as

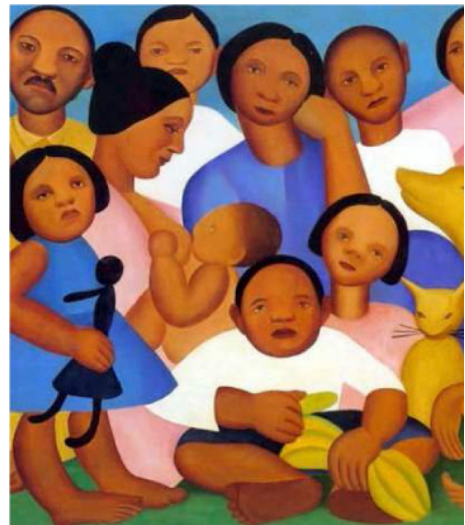


Figura 25. A família. Tarsila Amaral

doutoras Imara QUADROS (IFMT) e Lúcia KAWAHARA (SEMA), irmãs de sonhos, conceitos e afetos (confetos) e que tantas vezes viajamos juntas nas pesquisas de campo de pantanais e cerrados.

Instrui-me bastante com estas orientações, na reciprocidade de ensinar e aprender, e penso que este tipo de diálogo é o maior ganho das orientações. Eles continuam a me orientar, sempre estimulando e dando exemplos para que eu consiga ser uma pessoa melhor. São espelhos de trajetórias e vidas que tenho profunda admiração e gratidão.

Enfim, são inumeráveis as qualidades dos orientandos que mal sabem o quão importante são na minha vida. Na troca dialógica, no aprender e ensinar e nas buscas por mundo melhores por meio da teoria, prática e alta dose de ética. Claro que nem todos seguiram caminhadas tranquilas, mas também aprendi a não temer os conflitos. Nossos limites fazem parte da travessia das orientações de:

- 10 pesquisadores mirins (educação básica);
- 4 trabalhos de conclusão de curso;
- 26 orientações de iniciação científica (PIBIC);
- 21 monografias de especializações;
- 37 mestrados;
- 16 doutorados;
- 6 pós-doutorado.



Figura 26. Totens (pigmentos naturais)  
Vitória Basaia

Ainda em curso, três coorientações de Mestrado e 7 doutorados: Déborah MOREIRA, Cristiane SOARES, Priscilla AMORIM, Herman OLIVEIRA, Rosana MANFRINATE, Giseli DALLA-NORA, Cássia SOUZA, Júlio DUARTE, Giselly GOMES e Thiago LUIZ. Juciele, Eronaldo, demais estudantes, PET-Conexões, docentes, pós-doutorados e pesquisadores do GPEA que tenho muito carinho, que me ensinam a caminhar e a ver o mundo com mais esperanças e que não consigo nomear todos em função da boa quantidade de pessoas queridas.

O GPEA possui, atualmente, convênio com a Universidade de A Coruña, na Galícia espanhola, local que mantém os intercâmbios de sanduiches de 3

estudantes de doutorado, que têm a Araceli SERANTES como coorientadora do doutorado, e que sabe ser muito cuidadosa, tanto no trato da pesquisa, como na atenção carinhosa às pessoas que ali se dirigem para estudar.

No passado, tivemos intercâmbios com a United Nation University, em Tóquio, por ocasião da coordenação de um projeto intitulado “*Millenium Ecosystem Assessment*”, financiado pela ONU. Iniciou como uma proposta bem interessante, mas quando o programa começou a inclinar fortemente aos princípios de “*economia verde*”, já não respondia aos princípios éticos da vida sem preço. Embora uma boa experiência, o GPEA resolveu se retirar da *Sub Global Assessment* (SGA), rede que reunia diferentes sujeitos do mundo em torno da avaliação ecossistêmica.

Um memorial não é bem um espaço de agradecimentos, mas com tendências zen budistas, não poderia deixar de devolver a iluminação recebida pelos colegas do Departamento de Ensino e Organização Escolar, e outros amigos da UFMT: Luiz Augusto PASSOS, Silas BORGES MONTEIRO, Suíse BORDEST, Evandro DALL’OGLIO e Vanderley PIGNATI. E também às professoras e aos professores de outras universidades que estiveram na travessia de vida: Solange IKEDA (Unemat), Martha TRISTÃO (UFES), Marcos SORRENTINO (USP), Heitor MEDEIROS (UCDB), Irineu TAMAIO (UnB), Fátima MARCOMIN (Unisul), Francisco



Figura 27. *Lonely planet* (VladStudio)  
Vladimir Gerasimov

PEGADO (UFPB), Ramiro CAMACHO (UERN), Mauro GUIMARÃES (UFRRJ), José MATAREZI (Univali), Paulo MAROTI (UFAM), Maria Inêz ARAÚJO (UFS), Elisabeth SCHMIDT, Vilmar PEREIRA e Alfredo MARTIN (FURG), torcendo para que não tenha sido injusta em não citar mais pessoas.

São inúmeras participações em bancas, eventos científicos, palestras, conferências, mesas-redondas, consultorias e outras exposições acadêmicas. E também incessantes pareceres em revistas nacionais e internacionais, agências de fomento, comissões de eventos, além de entrevistas na mídia escrita, falada e televisionada que lamento não ter tido a paciência de registrar muitas coisas no Lattes.

Além dos dois prêmios internacionais relacionados ao projeto EDAMAZ, em

2006 fui finalista do 48o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, com a obra: “*Educação ambiental: pesquisas e desafios*”, publicada pela editora Artmed de Porto Alegre. Recebi outras premiações e homenagens também em função da atuação nos movimentos sociais, que me agrada bastante por representar premiações cidadãs.

No âmbito dos movimentos sociais, tenho intensa atuação nos direitos humanos e no ecologismo. Sou muito envolvida com a *Rede Mato-Grossense de Educação Ambiental (REMTEA)*, a *Rede Brasileira de Educação Ambiental (REBEA)* que ora se prepara ao 9 fórum e que estou na comissão científica, e da rede ibero-americana de educação ambiental. Fui fundadora da *Rede Lusófona de Educação Ambiental (Redeluso)* que caminha ao 4º Congresso Internacional em São Tomé e Príncipe, em 2017. Igualmente, estou contribuindo na comissão científica.

Nestes movimentos de redes, ajudei a fortalecer o “*Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e de Responsabilidade Global*”, bem como a “*Carta da Terra*”, dois movimentos internacionais de enorme potência que são considerados princípios da educação ambiental, em especial no cenário latino-americano.

Por fim, e não menos importante, sou bolsista produtividade do CNPq, o que

me traz duas emoções: de trabalhar em demasia, avaliando projetos e dando parecer, mas também de orgulho e consistência científica no meu caminhar.

Tentei ser concisa neste memorial, e embora o texto seja curto, os fluxos das lembranças foram longos. Fenomenologicamente não consegui sair da trama que tecia a minha história na água das origens, nos territórios de aprendizagens, na combustão das ciências e agora nesta boa brisa que parece vibrar o pêndulo do tempo. Emocionei-me várias vezes, refiz parágrafos, selecionei boas imagens, refleti e aprendi novamente neste laboratório de criação de vida. Neste renascer caleidoscópico, a intensidade das cores da infância encontrou-se com o outono maduro em seus matizes amarelados.

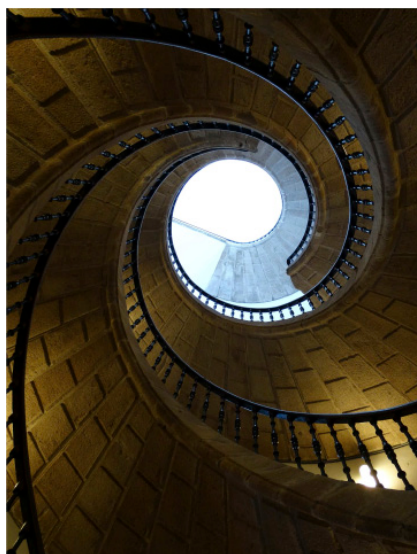


Figura 28. Espiral (Santiago de Compostela)  
Michèle Sato

Mas a espiral da vida é infinita de possibilidades. É como um caracol que permite subjetividade no interior da casinha, com o dever de plasmar na parede externa como a poesia de Manoel de Barros ou Orides Fontela.

E sempre brilhará a esperança...

*A superfície  
suave convexa  
não revela seu dentro  
apenas brilha.*

*A estrada  
estreita abóboda  
é sóbria sombria  
gruta.*

*A sequência  
rampa enovelada  
se estreita num pasmo  
labiríntico.*

*O fim  
limite íntimo  
nada é além de si mesmo  
ponto último.*

*A saída é  
a volta.*

~ Orides Fontela (caramujo)

## Referências bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. *Le droit de rêver*. Paris: Presses Universitaires de France, 1988.
- CERVANTES, Miguel. *Dom Quixote de La Mancha*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, versão celebrativa dos 500 anos, revisada, ampliada e ilustrada por Salvador Dalí, 2005, 625p.
- DALLA-NORA, Giseli; SATO, Michèle. “Água e vento são meio sustento”: aspectos teórico-conceituais a serem considerados na pesquisa em Educação Ambiental e mudanças climáticas. *Ambientalmente Sustentável*, ano X, v. 2, n. 20, 235-247, 2015
- HEIDEGGER, Martin. *Being and Time*, trans. E. ROBINSON & J. MACQUARRIE. N.York: Harper & Row, 1962.
- HUNDERTWASSER, Friedensreich. *Complete graphic work 1951-1976*. Vienna: Prestel, 1976.
- JABER-SILVA, Michelle T. *O mapeamento dos conflitos socioambientais de Mato Grosso: denunciando injustiças ambientais e anunciando táticas de resistência*. São Carlos: 2012. 253f. Tese (Doutorado em Ciências). Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais, UFSCar.
- KAWAHARA, Lúcia; SATO, Michèle. Festa de São Pedro e serviços culturais: aprendizagens de um grupo pesquisador em educação ambiental no Pantanal. *Revista Brasileira de Educação Ambiental*, v. 10. n.1. 221-240, 2015.
- LEVY, Silvano. *Decoding Magritte*. Bristol: Sansom Co., 2015.
- MANFRINATE, Rosana, QUADROS, Imara, KAWAHARA, Lúcia. CulturArte da mulher negra no contexto da educação ambiental. SATO, M. & PEREIRA, V. (Eds.) *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, FURG, edição especial p. 120-137, 2016.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano. Um livro para espíritos livres*. São Paulo: Nova Cultural, Os pensadores, 61-133, 1996.
- OLIVEIRA-JR, Samuel Borges. *Avifauna pantaneira: diálogo de saberes científico e popular em áreas úmidas (São Pedro de Joselândia)*. São Carlos: 2011, 122f. Tese (Doutorado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais, UFSCar.

- QUADROS, Imara; SATO, Michèle; KAWAHARA, Lucía. Deslizando da margem à correnteza: a mobilidade da canoa na arte da educação ambiental. *AmbientalMente Sustentable*, ano VI, v. 1, n. 11-12, 83-106, 2011.
- RAPPENECKER, Wilfried; KOCKRICK, Meike. *Atlas de Shisatsu. Os meridianos do Zen Shiatsu*. Barueri: Manole Ed., 2008.
- SANTOS, José Eduardo; SATO, Michèle (Orgs.). *A contribuição da educação ambiental à esperança de Pandora*. São Carlos: Rima, 2003.
- SATO, Michèle. *How the Environment is written: a study on the utilisation of textbooks in environmental education in Brazil and England*. M.Phil Thesis: 1992, 210 p. Norwich: School of Environmental Sciences, University of East Anglia, UK.
- SATO, Michèle. *Educação ambiental*. São Carlos: Rima, 1994.
- SATO, Michèle. *Educação para o ambiente amazônico*. São Carlos: 1997, 246 p. Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais, UFSCar.
- SATO, Michèle. Resíduos Sólidos e educação ambiental In: PROSAB: *Metodologias e Técnicas de Minimização, Reciclagem e Reutilização de Resíduos Sólidos Urbanos*. Rio de Janeiro: ABES - Assoc. Bras. de Eng. Sanitária e Ambiental, PROSAB - Prog. de Pesq. em San. Básico, 1999, p. 58-65
- SATO, Michèle. Tele-Educación Ambiental. *Construyendo Utopias. Tópicos en Educación Ambiental*, v.2, p.41 - 48, 2000.
- SATO, Michèle. Apaixonadamente pesquisadora em educação ambiental. *Educação Teoria e Prática*, Rio Claro, v. 9, n. 16/17, p. 24-35, 2001.
- SATO, Michèle (Org.) *Sentidos Pantaneiros: Movimentos do Projeto Mimoso*. Cuiabá: KCM Editora, 2002.
- SATO, Michèle; TAMAIO, Irineu; MEDEIROS, Heitor. *Reflexos das cores amazônicas no mosaico da Educação Ambiental*. Brasília: WWF-Brasil, 2002
- SATO, Michèle et al. Ética na pesquisa contemporânea de energia In: *Educação Ambiental e Compromisso Social. Pensamentos e Ações*. Erechim: URI, 2004, p. 251-263.
- SATO, Michèle. Isto não é um texto. *Revista Iberoamericana de Educación*, v. 2006, no 40, p.91 - 98, 2006 [http://rieoei.org/rie40a03.pdf].
- SATO, Michèle. Jóvenes transbordantes en mundos suspendidos. In: GONZALES, E. (Coord.) *La educación frente al desafío ambiental global*. 1 ed. México, DF : CREFAL & Plaza y Valdes, p. 229-240, 2007.
- SATO, Michèle. Cartografia do imaginário no mundo da pesquisa. ABÍLIO, Francisco (Org.) *Educação ambiental para o semiárido*. João Pessoa: EdUFPB, 539-569, 2011.
- SATO, Michèle. *Mitopoética das águas salgadas*. Cuiabá: GPEA-UFMT (relatório de pesquisa de pós-doutorado), 50p., 2014 (mimeo).
- SATO, Michèle; SILVA, Regina; JABER-SILVA, Michelle. Between the remnants of colonialism and the insurgence of self-narrative in constructing participatory social maps: towards a land education methodology. *Environmental education research*, v.20, n. 1, 102-114, 2014.
- SATO, Michèle. Ecofenomenologia: uma janela ao mundo. SATO, M.; PEREIRA, V. (Eds.) *Revista eletrônica do mestrado em educação ambiental*, edição especial, p. 10-27, 2016.
- SAUVÉ, Lucie; ORELLANA, Isabel; SATO, Michèle (Eds.). *Sujets choisis en éducation relative à l'environnement. D'une Amérique à l'autre*. Montréal: ERE-UQAM, 2002, v. I et II.
- SILVA, Maria Liete Alves. *Cartografia de Joselândia: o acontecimento e o pensamento da multiplicidade*. Cuiabá: 2013, 164f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, UFMT.
- SILVA, Regina Aparecida. Do invisível ao visível: o mapeamento dos grupos sociais do estado de Mato Grosso-Brasil. São Carlos: 2011, 222f. Tese (Doutorado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais, UFSCar.



*Sabedoria pode ser que seja  
estar numa árvore.  
-Manoel de Barros*